

# Poemas de Eugenio Montale (1896-1981)\*\*

Tradução de

Maria Eneida Victor Farias

---

\* MONTALE, Eugenio. *In: The Penguin Book of Italian Verse*. Baltimore, Maryland, Penguin Books, 1966.

\*\* «Estou aqui porque escrevi poesias, um produto absolutamente inútil, mas quase nunca nocivo. Este é um de seus títulos de nobreza» — afirmou Eugenio Montale, na Academia Sueca, ao receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1975. Era então considerado um dos três grandes poetas italianos contemporâneos, junto com Ungaretti e Quasimodo.

Nasceu em Gênova, em 1896 e faleceu em Milão, a 15 de setembro de 1981. Montale é um poeta hermético; exprime-se em versos secos, limpos, quase duros. É considerado o poeta do desespero, do pessimismo. Mas a sua poesia reflete o seu tempo, sua vida, sua época. «É a soma dos fatos cotidianos» — como disse seu biógrafo Giulio Nascimbeni. Escreveu *OSSI DI SEPIA* (1925), *LA CASA DEI DOGANIERI* (1932), *LE OCCASIONI* (1939), *FINISTERRE* (1943), *LA BUFERA E ALTRO* (1956), etc.

Ao receber a notícia de que lhe havia sido atribuído o Prêmio Nobel de Literatura, comentou com os amigos:

— «Na vida triunfam tantos imbecis. Não gostaria de ser um deles».

*VENTO SULLA MEZZALUNA*

Il grande ponte non portava a te.  
T'avrei raggiunta anche navigando  
nelle chiaviche, a un tuo comando. Ma  
già le forze, col sole sui cristalli  
delle verande, andavano stremandosi.

L'uomo che predicava sul Crescente  
mi chiese "Sai dov'è Dio?" Lo sapevo  
e glielo dissi. Scosse il capo. Sparve  
nel turbine che prese uomini e case  
e li sollevò in alto, sulla pece.

Edimburgo. 1948

*VENTO NO CRESCENTE*

A grande ponte não levava a ti.  
Ter-te-ia alcançado mesmo navegando  
nas cloacas, a um teu comando. Mas  
já as forças, com o sol nos cristais  
das varandas, iam-se apagando.

O homem que pregava no Crescente  
me perguntou: "Sabes onde está Deus?" Eu sabia  
e lhe disse. Balançou a cabeça. Desapareceu  
no turbilhão que levou homens e casas  
e os ergueu para o alto, sobre o breu.

Edimburgo. 1948

## *GIORNO E NOTTE*

Anche una piuma che vola può disegnare  
la tua figura, o il raggio che gioca a rimpiattino  
tra i mobili, il rimando dello specchio  
di un bambino, dai tetti. Sul giro delle mura  
strascichi di vapore prolungano le guglie  
dei pioppi e giù sul trespolo s'arruffa il pappagallo  
dell'arrotino. Poi la notte afosa  
sulla piazzola, e i passi, e sempre questa dura  
fatica di affondare per risorgere eguali  
da secoli, o da istanti, d'incubi che non possono  
ritrovare la luce dei tuoi occhi nell'antro  
incandescente; e ancora le stesse grida e i lunghi  
pianti sulla veranda  
se rimbomba improvviso il colpo che t'arrossa  
la gola e schianta l'ali o perigliosa  
annunziatrice dell'alba  
e si destano i chiostri e gli ospedali  
a un lacerio di trombe...

## *DIA E NOITE*

Mesmo uma pluma que voa pode desenhar  
a tua figura, ou o raio que brinca de esconde-esconde  
entre os móveis, o reflexo do espelho  
de um menino, dos tetos. Sobre o círculo dos muros  
listrados de vapor prolongam-se as agulhas  
dos álamos e em baixo sobre o cavalete eriça-se o papagaio  
do amolador. Depois a noite sufocante  
na pracinha, e os passos, e sempre esta dura  
fadiga de submergir para ressurgir iguais  
por séculos, ou por instantes, de pesadelos que não podem  
reencontrar a luz dos teus olhos no antro  
incandescente; e ainda os mesmos gritos e os longos  
prantos na varanda  
se ressoa imprevisto o golpe que te avermelha  
a garganta e arranca as asas oh perigosa  
anunciadora da aurora  
e despertam-se os claustros e os hospitais  
a um lacerar-se de trompas...

### *MOTTETTO*

Lo sai: debbo riperderti e non posso.  
Come un tiro aggiustato mi sommuove  
ogni opera, ogni grido e anche lo spiro  
salino che straripa  
dai moli e fa l'oscura primavera  
di Sottoripa.

Paese di ferrame e alberature  
a selva nella polvere del vespro.  
Un ronzio lungo viene dall'aperto,  
strazia com'unghia ai vetri. Cerco il segno  
smarrito, il pegno solo ch'ebbi in grazia  
da te.

E l'inferno è certo.

### *MOTE*

Tu sabes: devo perder-te outra vez e não posso.  
Como um tiro ajustado me agita  
cada obra, cada grito e mesmo o respiro  
salino que transborda  
dos molhes e faz a obscura primavera  
de Sottoripa.

Cidade de sucata e mastreação  
de selva na poeira do fim da tarde.  
Um zunido longo vem do aberto,  
dilacera como unha nos vidros. Procuo o sinal  
perdido, único penhor de amor que tive  
de ti.

E o inferno é certo.